

ESTUDO DOS CAMPOS SULINOS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA ATRAVÉS DE DADOS E TÉCNICAS DE SENSORIAMENTO REMOTO

Bruno Deprá¹ (UFSM, Bolsista PIBIC/CNPq)
Dra. Tatiana Mora Kuplich² (CRS/INPE, Orientadora)

RESUMO

Este trabalho dá continuidade a projetos anteriores, já realizados na área dos Campos de Cima da Serra no Rio Grande do Sul e seu objetivo é analisar e monitorar as queimadas nos campos nativos e o seu comportamento ao longo dos anos utilizando os índices NDVI (índice de Vegetação da Diferença Normalizada) e o NBR (Índice de Queimada Normalizada). Várias instituições também voltaram seus estudos para a região analisada, tamanha a urgência da conservação de sua biodiversidade, trazendo para si a responsabilidade de assegurar serviços ambientais importantes para a área, já que é grande o número de questões como, composição florística, cobertura das diferentes tipologias e fenologias dos campos sulinos. A área estudada cobre quase a totalidade dos Campos de Cima da Serra, excluindo as regiões das matas ciliares nas encostas do Rio das Antas, que foram mascaradas, como já mencionadas em pesquisas passadas. Para a realização do trabalho utilizou-se imagens do satélite Landsat 5/Thematic Mapper (TM), bandas 3, 4 e 7 dos anos de 2010 e 2011, onde a composição colorida falsa-cor 3 (R), 4 (B) e 7 (G) permitiu discriminar de maneira clara os limites das queimadas. A seleção das datas citadas também leva em consideração a época das queimadas na região. Os dados de NBR apresentaram uma pequena variação de valores, mesmo entre classes extremas, como campo e queimada recente, tornando difícil a discriminação destas classes. Para análise de severidade das queimadas ou áreas de queimadas antigas, em áreas de vegetação campestre, os dados NBR também não parecem indicados. Já os valores de NDVI, conforme esperado, aumentaram em função da quantidade de material vegetal preservado, sendo maiores para as áreas não submetidas à queima. Este índice, para a área de estudo, mostrou-se mais adequado para a verificação de áreas queimadas em diferentes estágios de regeneração do que o próprio NBR. O estudo realizado tornou-se limitado devido suas áreas serem relativamente pequenas e também pela rápida regeneração da vegetação em questão. Futuramente serão incluídos dados comparativos de outros sensores orbitais que aprofundarão o tema abordado neste trabalho.

¹Aluno do curso de Tecnologia em Geoprocessamento – E-mail: bruno_depra@hotmail.com

²Pesquisadora do Centro Regional Sul de Pesquisas Espaciais – E-mail: tmk@dsr.inpe.br